

por su carácter sintético y al mismo tiempo inteligiblemente informativo, que debe caracterizar todos los fascículos del *corpus* de timbres anfóricos.

En forma de apéndice se recogen las estadísticas de los sellos de Dressel 20, que aportan datos de utilidad indudable, no sólo para *Britannia*, sino para la *Baetica*, con densidades también de hallazgos por asentamientos y épocas, que desciende a mayor detalle topográfico que el cuerpo del trabajo. Se establecen así mismo los cuadros estadísticos de algunas marcas halladas en asentamientos germánicos o galos por períodos como elemento probatorio de las comparaciones realizadas.

La cartografía de centros británicos con densidades de Dressel 20 es muy útil y también lo es el recuerdo, mediante mapa, de los centros productores béticos. Una ilustración fotográfica complementa los dibujos del catálogo para algunos ejemplares, y unas figuras tipológicas la evolución cronológica de las Dressel 20 exportadas desde la *Baetica* y recogidas en los puntos de destino.

No faltan una bibliografía abundante y unos índices epigráficos modélicos para manejar no tan sólo el libro, sino para servir de ayuda a otros trabajos e identificaciones del mismo tipo. Un buen ejemplo de ello son los índices, alfabético e inverso, de los letreros de los sellos. Un verdadero inventario es el índice de sellos según el lugar de hallazgo en *Britannia*, seguido por el ordenado según el lugar de producción en la Bética.

Nos hallamos ante un *corpus* indispensable que cumple con sus objetivos y que ha de ser elemento imprescindible para el estudio económico e incluso histórico de la zona de producción y de hallazgo, así como un referente ineludible en el futuro de cualquier estudio comparativo. La experiencia de los autores⁶ y del centro que auspicia el trabajo no permitía esperar otra cosa, pero siempre el trabajo bien hecho termina sorprendiendo, y no hay duda de que la aportación de C. Carreras y P.P. Funari lo es.

Notas

- 1 - REMESAL, J. *La Annona Militaris* y la explotación de aceite bético de Germania. Madrid, 1983. Cf. *Heeresversorgung un die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen der Baetica und Germania*. Stuttgart, 1997.
- 2 - BARDOUX, J. *Les amphores du nord-est de la Gaule*. Paris, 1995 (D.A.F. 52).
- 3 - Cf. índice p. 320 para las publicadas en *Roman Inscriptions of Britain*. Es muy importante la contribución de P. P. Funari, "Dressel 20 amphora inscriptions found at Vindolanda: The reading of the unpublished evidence" en V. A. Maxfield - M. J. Dobson eds., *Roman Frontier Studies* 1989, Exeter 1991, p. 65-72.
- 4 - Cf. CII. XV, 3993 y G. Chic, *La epigraphia anfórica de la Bética*. vol. II, Sevilla 1988, p. 5.
- 5 - ALMEIDA, E. Rodríguez. *Il Monte Testaccio*. Roma, 1984, p. 224.
- 6 - Cf. C. Carreras. *A macroeconomic and spatial analysis of a long distance exchange: the amphora evidence from Roman Britain*, PH. D. Thesis, University of Southampton (inérita); P. P. A. Funari, *Dressel 20 inscriptions from Britain and the consumption of Spanish olive oil*. Oxford, 1996 (*BAR Tempus Reparatum British Series*, 250).

MARC MAYER
Universitat de Barcelona

CORREA, Paula da Cunha. *Armas e Varões: A Guerra na Lírica de Arquíloco*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 363 p.

Arquíloco é provavelmente o mais antigo poeta lírico grego de que temos notícia e que já os autores gregos antigos conheciam. Não de muito posterior a Homero, as pri-

meiras informações que possuímos a seu respeito o colocam junto ao poeta épico, a este comparado ou contraposto quanto ao tema dos poemas, às expressões utilizadas, à característica da forma poética. Tornou-se assim fácil modelo de formas de expressão artística ou de “gêneros” literários: muitos foram os que procuraram na obra do “primeiro” poeta lírico a particularidade da manifestação do “eu” poético, modos, ainda que latentes, de subjetividade; outros, segundo uma tradição antiga, o transformaram no poeta denigratório ou satírico por excelência (aqui também em oposição ao épico Homero); e, poderíamos acrescentar, Arquíloco é testemunha primeira para nós da fábula grega (do *ainos*), como tal citado já por Platão.

Confrontado com a escassez dos fragmentos da obra deste poeta que chegaram até nós, o leitor moderno pode só com dificuldade individualizar os temas destas tradições e compor um quadro interpretativo coerente a respeito. Ao estudioso fica ainda a tarefa mais difícil de “liberar” o que nos sobrou desta obra das incrustações frequentemente fantasiosas da crítica moderna e de criar “distância” entre o que era já interpretação dos autores antigos (eruditos, gramáticos, biógrafos, padres da igreja) que retalharam e transmitiram a maior parte dos fragmentos que possuímos (uma outra parte é proveniente de inscrições e fragmentos em papiro). Se muitos destes autores, à nossa diferença, podiam ler poemas completos ou pelo menos trechos mais extensos do poeta, nós podemos ao menos tentar compreender qual visão interpretativa guiava sua leitura e a “adaptava” aos novos contextos; e em base aos conhecimentos lingüísticos e históricos que possuímos, podemos tentar oferecer um quadro interpretativo diferente, mais próximo às nossas exigências atuais de leitura.

Seria porém ilusório pensar assim em se desvencilhar dos quesitos colocados pela tradição. Se os antigos consideravam

fim importante de suas análises – de suas “arqueologias”, ou discursos sobre os tempos antigos – desvendar os nomes dos “primeiros descobridores” ou “inventores”, também nós devemos dar conta do que nestes autores podia aparecer “inaugural” (mesmo quando redimensionamos estas imagens). Não se cansará de procurar o que há de realmente “filosófico” em Tales de Mileto, de “historiográfico” em Hecateu de Abdera ou Heródoto de Halicarnasso. Como sabemos, é difícil dizer o que constitui a especificidade da poesia lírica arcaica (se esta a possui): não só poesias acompanhadas pela lira (ou instrumentos de corda em geral), mas multiplicidade de gêneros, formas, métricas, grande variedade de situações poéticas, distintas da épica, por um lado, e da futura tragédia, por outro. Mas neste mundo extremamente rico das formas e métricas da lírica grega arcaica, Arquíloco aparece, em vários sentidos, um iniciador. É fácil entrever as questões que se colocam na leitura deste “primeiro poeta lírico”: o que dizer de seu uso dos “símiles” (frequentemente presentes em Homero), da característica de sua expressão metafórica, do possível recurso à alegoria?

O estudo de Paula da Cunha Corrêa (*Armas e Varões. A Guerra na Lírica de Arquíloco*, São Paulo: EDUNESP, 1998), já no título indica a particularidade de sua consideração da obra de Arquíloco. Não será uma leitura guiada pelo exame e organização das informações biográficas (mas não pelas mesmas razões que poderiam nortear esta escolha numa análise da lírica moderna: aqui não estamos sequer seguros de quando o “eu” lírico corresponde ao do poeta; não conhecemos bem a situação mesma em que os poemas eram em geral apresentados); não se tratará de um comentário de todos os fragmentos que sobreviveram até nós; não se procurará, enfim, na leitura deste primeiro poeta, a origem de uma tradição qualquer dos gêneros literários. Conjugando lírica e guerra, a A. indica uma modalidade de leitura

da poesia grega arcaica na investigação de temas recorrentes (e talvez determinantes) e sua relação com os modos da invenção (e tradição) poética.

Fica clara assim a diferença dessa leitura de Arquíloco frente às apresentações tradicionais. Paula Corrêa dá pouca atenção às “aventuras” supostas do poeta com a filha do general Licambes – e com essa a todo o gênero anedótico que por vezes parece dar “sentido” à nossa leitura dos fragmentos. Mas também a componente erótica dos poemas cede aqui a vez aos temas bélicos. Sem que a A. transforme o fio condutor de sua leitura em um programa, parece claro que para ela è o tema da guerra que permite indicar a proximidade (e as diferenças) do poeta lírico frente ao seu ponto de referência imediato: os poemas homéricos – e que esclarece melhor a natureza de sua atividade “poética”.

Se um direcionamento “forte” guia o exame dos fragmentos e aparece por si mesmo como proposta interpretativa e crítica, a leitura e o comentário de cada passo pela autora é caracterizado pela atenção às análises críticas contemporâneas, pelo acompanhamento minucioso de cada hipótese interpretativa formulada e enfim pelo distanciamento e por um discreto ceticismo final. A atitude prudente de não oferecer a cada momento quadros interpretativos gerais è tanto mais útil num terreno onde freqüentemente se perde de vista a fragilidade dos dados que podem ser obtidos a partir do texto poético.

Inimiga das grandes visões interpretativas que procuram dar um sentido evolutivo no interior da cultura grega às particularidades da poesia lírica, Paula Corrêa não foge porém das questões que levam a tais posicionamentos. A poesia de Arquíloco não conduz, um passo adiante, à descoberta do espírito grego, mas tampouco reflete ou transpõe simplesmente elementos orientais (tendência comum hoje, especialmente na leitura de Homero e Hesíodo). Colocados os

grandes problemas que inevitavelmente aparecem na leitura de obras arcaicas, fica suspendida a possibilidade de dar respostas definitivas a esses. Por exemplo, na questão dos gêneros poéticos, a possível relação com tradições gregas anteriores a Arquíloco (os assim chamados *carmina popularia*) e com práticas religiosas, possivelmente na origem das diferentes formas poéticas (não só nos casos mais evidentes, como o do peã a Apolo, o ditirambo, ligado ao culto de Dioniso, mas como lembra a A., também no caso do jambo de Arquíloco e sua possível função no culto da deusa Deméter).

O acento colocado sobre os temas bélicos conduz porém a redimensionar em modo particular outros aspectos da visão tradicional da poesia de Arquíloco. O soldado que abandona o escudo e a luta, o elogio do “general cambaio” são elementos importantes de uma “ética” guerreira, mas não necessariamente devem ser enquadrados numa perspectiva evolutiva em relação à épica homérica. Se a tendência da atual pesquisa histórica e arqueológica é de antedatar as inovações das táticas guerreiras e do aparecimento da *polis* grega, fica difícil caracterizar as diferenças entre épica e lírica em termos de mudanças sociais. O “mundo” de Homero poderia não ser, pois, tão diferente do “mundo” de Arquíloco, e outros serão os fatores aos quais atribuir as diferenças notadas no comportamento do guerreiro, na caracterização do “herói”: antes de mais nada, as próprias exigências do gênero poético.

Deste modo, a interpretação dos elementos líricos em Arquíloco segundo uma perspectiva evolucionista cede o passo, ao menos em parte, à consideração transversal dos temas poéticos e a uma “hermenêutica” dos gêneros literários – sem se resolver em ilações sobre sua pré-história (as origens “populares”) e diferenciando-o das codificações futuras. Se temas já homéricos parecem “novos” em Arquíloco é também porque a situação de discurso (da qual pouco

sabemos com certeza) o permite: assim o apelo ao próprio “coração” (*thymos*) soa diversamente quando referido pelo herói épico ou na elegia poética (e o terá sido também a causa do acompanhamento musical, da duração da poesia, da ocasião da declamação). Mas aí também o risco é de ler a poesia de Arquíloco a partir de questões líricas e éticas que determinaram em parte sua sobrevivência e que são próprias de uma época posterior. A própria situação poética pode dificilmente ser determinada quando, por exemplo, como várias vezes lembra a autora, não conhecemos a *persona loquens* do poema, que não necessariamente corresponde ao “eu” do poeta dirigido ao seu público (que fossem guerreiros, companheiros de banquete, etc.).

A leitura dos fragmentos marciais de Arquíloco desenvolvida por Paula Corrêa

permite assim que se confrontem temas interpretativos que atravessam qualquer visão do mundo e da cultura grega arcaica. Mas não é mérito menor desse livro o de tornar possível a leitura ao leitor brasileiro de uma parte importante da obra do poeta (com texto grego acompanhado por tradução), provida de atento e cuidadoso comentário. A perspectiva aberta por este trabalho (na leitura da caracterização “lírica” da poesia de Arquíloco) dirige nossa visão ao seu futuro desenvolvimento: o jambo e o *ainos* de Arquíloco apontam para temas fundamentais de nossa tradição literária: a fábula e a comédia.

PAULO BUTTI DE LIMA
Università degli Studi della
Repubblica di San Marino